

**Identificações numa Florianópolis nada tranqüila: conflitos entre manés e forasteiros nas últimas décadas do século XX.**

Rafael Damaceno Dias\*

**Resumo:** A cidade de Florianópolis vivenciou uma série de transformações urbanas e demográficas durante as últimas décadas do século XX obrigando aos seus moradores a reorganizar sua identidade. Tal recriação cultural implicou negociar a posição dos novos atores sociais o que levou a definição de novos termos de identificação com o intuito de promover a inclusão ou exclusão deles em relações estabelecidas existentes ali desde longa data. Há evidências de que nesse processo, designativos como *mané da ilha*, alçaram uma nova condição, passando a remeter a identificações sociais desejáveis em Florianópolis. Esse texto apresenta algumas interpretações sobre essas evidências articuladas a partir das colunas sociais produzidas, durante as décadas de 1980 e 1990, pelo colunista Cacau Menezes as quais eram veiculadas nos principais periódicos de circulação na cidade.

**Palavras-chave:** transformações urbanas – conflitos sociais - identificações

**Abstract:** The city of Florianópolis experienced a series of urban and demographic changes during the last decades of the twentieth century forcing their residents to rearrange their identity. This meant recreating cultural negotiate the position of the new social actors that took the definition of new terms of identification in order to promote the inclusion or exclusion of them in existing relationships established there long. There is evidence that this process, that terms like *mané da ilha*, taked a new condition, to refer the identifications social desirable in Florianópolis. This text intents to discuss some interpretations of such evidence articulated from the social columns produced during the decades of 1980 and 1990 by columnist Cacau Menezes which were carried in major journals of circulation in the city.

**Key-words:** urban changes – social conflicts - identifications

Os habitantes da porção insular da capital de Santa Catarina sempre conviveram com a presença de referenciais culturais provenientes de diversos lugares. Durante a segunda metade do século XX pode-se, como exemplo, destacar algumas situações em que isso aconteceu.

---

\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Paraná.

Os pescadores da cidade durante as décadas de 1960 e 1970 viajavam em barcos pesqueiros para outras costas, desde o Rio de Janeiro até o Uruguai, onde entravam em contato com outras culturas as quais eram re-elaboradas nos relatos feitos aos filhos e netos ou então trazidas por meio de novidades como, por exemplo, vestimentas que não eram utilizadas na cidade (SIMÕES, 1997: 34-39).

As histórias de vida, entremeadas de aventuras e de passagens dificultosas, que tratam das esperanças de se adquirir melhor condição material em outras cidades, durante a década de 1950, apresentam um quadro em que o ritmo lento de uma pacata cidade, contrastava com a dinâmica dos grandes centros. Nesses relatos, os sonhos de uma vida mais feliz terminavam, muitas vezes, na volta para casa num barco pequeno e sujo, tendo-se de enfrentar uma noite de sono na *terrível corda*, como conta Menezes na obra *Retalhos do Tempo* (MENEZES, 1977).

As parcelas mais preeminentes da cidade, também entravam em contato com as novidades do Rio de Janeiro, entretanto, obviamente, não em condições semelhantes àquelas descritas acima. Em viagens nacionais ou então internacionais, novidades chegavam à cidade quando do regresso desses viajantes.

Entretanto, o contato com referências de outros lugares também era realizado na própria Ilha de Santa Catarina: a cidade recebia viajantes que se encantavam com a beleza de suas praias. Conforme Bitencourt, desde meados do século XX, Florianópolis já era procurada com fins turísticos (BITENCOURT, 2005).

Além disso, cantores e artistas de diversas partes do Brasil desembarcavam na cidade, em decorrência do Projeto Pixinguinha na década de 1970, ou então, vinham muitas vezes, apenas devido a seus próprios desejos, tendo em vista que a cidade não possuía uma estrutura adequada para eventos de grande porte.

Pelas ruas de Florianópolis na década de 1960, no seu Buick conversível cor de rosa, o jornalista Manoel de Menezes passeava com celebridades, como a miss Marta Rocha ou com o jogador Garrincha. Nas procissões e nas festas do Divino Espírito Santo padres católicos advindos de regiões de colonização germânica misturavam-se aos fiéis que professavam um catolicismo popular (ALVES, 1999) e no porto, em frente ao mercado público municipal marinheiros misturavam-se aos moradores da cidade (SIMÕES, 1997: 204).

Entretanto, o contato entre essas diferentes referências não era em nada harmonioso, ele trazia consigo o surgimento de tensões de todo tipo. Essas vinham a acontecer conforme

3

os atores sociais envolvidos e também conforme o espaço social dentro de Florianópolis no qual se sucediam.

Mais especificamente, durante as décadas de 1980 e 1990, é possível destacar um tipo de conflito relacionado com essas tensões no qual a designação mané, termo até então utilizado de maneira pouco honrosa na cidade, passou a ser utilizado de forma positiva ao exprimir uma determinada maneira de ser e de viver. O objetivo desse texto é versar sobre isso a partir das colunas sociais produzidas pelo colunista Cacau Menezes para o jornal Diário Catarinense durante as décadas de 1980 e 1990<sup>1</sup>.

### **1. Uma cidade de Cacau Menezes**

A cidade tema das colunas sociais de Cacau Menezes<sup>2</sup> durante as décadas de 1980 e 1990 é uma cidade que em muitos aspectos se assemelha com aquela existente atualmente, uma cidade que possui certo reconhecimento a nível nacional.

Reconhecimento dado, sobretudo pelo apelo ao turismo, todavia, não mais aquele do início da especulação imobiliária na década de 1970, mas sim aquele o qual prioriza o desembarque na cidade de determinados segmentos sociais: “*Ser um destino turístico já não é mais opção. Ser de alto ou de baixo nível ainda é (DIÁRIO CATARINENSE, 2005)*”.

São exemplos disso a construção do Resort Costão do Santinho e do condomínio Jurerê Internacional. É a cidade que ao mesmo tempo em que viu seu setor de serviços especializar-se no turismo, viu grande parte de suas praias serem poluídas (GUEDINI, 2000).

É também a cidade em que seus moradores passaram a conviver durante os anos de 1980 e 1990 com problemas característicos de grandes cidades (MARICATO, 2000) como, por exemplo, trânsito complicado e níveis elevados de criminalidade. Acompanhando o crescimento populacional de outras capitais do Sul do Brasil, a população da cidade também cresceu:

---

<sup>1</sup> Existe uma dissertação recentemente defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS que faz uso de colunas sociais como fonte de pesquisa a qual eu ainda não tive condições de ler, mas que certamente contribui para a discussão empreendida neste texto. O autor é Jefferson Rafael da Fonseca e o título da dissertação é: *Nossa Senhora do Aterro: Florianópolis nas crônicas ligeiras de Beto Stodieck, 1971-1980*.

<sup>2</sup> O nome completo do colunista é Cláudio Menezes. Nascido em Florianópolis em 1955, filho de Manoel de Menezes e de Brasília da Silva Menezes. Seu pai de origem bastante humilde conseguiu grande projeção na cidade após a criação da Rádio Jornal A Verdade que funcionou nas décadas de 1950 e 1960, tendo sido inclusive eleito deputado estadual cassado durante os primeiros anos da ditadura militar. Cacau iniciou sua carreira na rádio de seu pai. Nos jornais teve uma passagem no O Estado no final da década de 1970 e início dos 1980. Depois, no final da década de 1980, passa a assinar a coluna que existe até hoje no jornal Diário Catarinense que passa a circular, como propriedade do grupo RBS, no ano de 1986.

**Tabela I** – Florianópolis: aumento numérico e percentual da população total (1970 – 2006)

Florianópolis	1970	1980	1991	2001	2006
População	138.337	187.871	254.341	342.315	406.564
Incremento populacional		26,3%	26,1%	25,6%	15,8%

**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Essas são apenas algumas características da capital do Estado de Santa Catarina que transpassam a produção das colunas sociais de Cacau Menezes durante as décadas de 1980 e 1990.

## 2. Identificações em Cacau Menezes.

Quando lemos as colunas sociais de Cacau Menezes escritas durante a década de 1990, uma das perguntas que se pode fazer é: como pode um colunista social que necessitava de um público leitor escrever isso:

*Florianópolis se transformou na ilha dos intrusos. É impressionante como tem gente de fora cuspidando no prato que come. Chegam aqui e querem mandar em tudo. Imagine um paulista no Rio escrevendo nos jornais cariocas contra a cidade deles, falando mal de Flamengo e Botafogo, dos símbolos deles, etc. Seria linchado. Aqui deitam e rolam e ainda são aplaudidos. Querem até fazer prefeitos (DIÁRIO CATARINENSE, 1998).*

Ao se ler essa coluna, percebe-se, primeiramente um tom bastante rude em relação a novos moradores da cidade: invasores que chegam e querem mandar em tudo, falam mal dos símbolos da cidade e até prefeitos querem fazer. Vejamos a continuação da coluna:

*Não aceito. Os incomodados que se retirem. Ou então que vão mandar na casa deles. O comodismo dos nativos, a omissão de quem tem que defender seu chão, sua casa, sua cidade, seus símbolos, sua raiz, impedindo as transformações que querem os que agora chegaram, está transformando nossa cidade numa colcha de retalhos ou na casa da sogra. Acorda Floripa. Vamos reagir. Limitar o poder dos forasteiros é fundamental, antes que nos descaracterizemos por total. É preciso respeito. Nós somos tolos, mas não muito como pensam alguns forasteiros (DIÁRIO CATARINENSE, 1998).*

Nessa coluna social não é utilizada a palavra ilhéu, mas sim nativo. Nativo é geralmente utilizado em locais frequentados por surfistas para designar aqueles que são nascidos numa determinada praia. A utilização do termo nessa coluna social está relacionada com a vida pregressa de Cacau em relação ao momento em que ela foi escrita: o colunista esteve presente na organização dos primeiros campeonatos de Surf em Florianópolis nas décadas de 1970 e 1980. Em oposição aos nativos estariam os haoles, que em havaiano significa estrangeiro, mas que denota também invasão da praia, e como tal mal vindos aonde chegam. Esse seria um dos ilhéus que está nas suas colunas sociais: um ilhéu que fala da invasão... O que chama a atenção é que ao lado deste, existem colunas sociais escritas por ele

5

que remetem a um outro ilhéu, como por exemplo, nesse trecho de uma outra coluna social cujo título é: *A Arte de ser Ilhéu*:

*Sem querer entrar nessa briga de estado contra estado, que não leva a nada, embora Cacau reconheça que esse tipo de opinião aumenta a rejeição local contra os de fora, gostaria muito de convidar meu colega de trabalho para um final de tarde, pode ser ali mesmo, na Marina do Rico. Ou para tomar um caldo de camarão na casa do Beto do Box no Canto da Lagoa, de preferência numa noite de lua cheia e descalço. São tantos os programas... De fato, para viver em Floripa, é preciso esquecer as grandes cidades. É preciso arte e sensibilidade. Nossos recantos, incrivelmente belos, superam outras deficiências. Para morar aqui, antes de tudo, é preciso saber o que se quer (DIÁRIO CATARINENSE, 1998).*

Essa coluna social Cacau Menezes pode ser interpretada como resposta a um outro colunista, Carlos Moura, carioca, que havia escrito sobre a falta de diversão em Florianópolis. Havia uma descrição realizada por esse outro colunista, de uma menina que não tendo meios para se divertir em Florianópolis teria ido passear no Aterro da Baía Sul e, não conseguindo ficar ali, devido ao mau odor do local, teria ido passear numa das praias da cidade. Entretanto, na praia também não obteve sucesso, porque teria tropeçado num sabugo de milho e numa lata de cerveja jogada na areia. A menina, desse modo, teria decidido comprar um hambúrguer e assistir televisão em casa.

Na resposta a essa descrição Cacau Menezes escreveu que para se viver em Florianópolis era necessário esquecer as grandes cidades. Todavia, em outras colunas sociais, existe a expressão de um sentimento que versa justamente sobre o desejo de que a cidade necessitava de casas noturnas semelhantes àquelas existentes em centros de grande porte:

*Florianópolis precisa de uma casa de Jazz, uma casa de Blues, uma casa para um público mais diferenciado, classe A, onde os mais afortunados se sintam a vontade. Temos esse público na Ilha. Não temos é casa para eles... Foi o que fizemos na Dizzy. Afastamos os caretas só com o som. Insistimos na juventude, no bom gosto, no beautiful people da zona nobre, no perfume. E deu certo... Quem quer baixaria, essa gurizada de bermuda e tênis, que leva latinha de cerveja no carro, que vá pra Lagoa. Mulher de espartilho, também não dá, né Zé... (DIÁRIO CATARINENSE, 1997)*

São colunas sociais que expressam sentimentos contraditórios como esses que parecem sugerir que Cacau Menezes parece estar abrindo uma área de inclusão para os novos moradores da cidade, nos termos daquilo que Stuart Hall (2003) qualifica como identificações. Segundo ele é possível identificar na argumentação de determinados movimentos identitários uma tradução do passado. Nessa tradução, o passado é apropriado através de uma negociação na qual seu sentido é alterado para corroborar uma determinada leitura do presente.

A partir dessas considerações de Hall pode-se analisar o modo como Cacau Menezes versa sobre Florianópolis no ano de 1992: “E vieram os eletrosuis, os tchês, os PTs, os do

6

contra tudo e contra todos, os invasores, os favelados, os poluidores, e muita gente daqui descobre agora que já foi feliz e não sabia (DIÁRIO CATARINENSE, 1992)”.

Como no caso da tradução um imenso leque de possibilidades se abre, o colunista pôde passar a articular sua argumentação numa estrutura própria de tempo. Acontecimentos cronologicamente afastados foram articulados na criação da interpretação que realizou: a Eletrosul, empresa que se instala na cidade no início da década de 1970, e a fundação do Partido dos Trabalhadores que data da década de 1980 estão sobrepostos.

Nessa tradução a cidade foi descrita de forma idealizada, onde tudo era perfeito antes das transformações que a teriam levado à infelicidade: “*muita gente daqui descobre agora que já foi feliz e não sabia*”. Por esse raciocínio, ser ilhéu deveria ser um motivo de orgulho porque significaria ser associado à honestidade, àquilo que de prazeroso existia na Ilha. É estar associado a um tempo sem crimes, e pertencer aos membros de uma comunidade imaginada (GUPTA; FERGUSON, 2000) os quais viveriam um tempo que deixou de existir devido às transformações que aconteceram:

*Não há mais coqueiros nem romantismo em Coqueiros. Há sim muita gente estúpida. Ontem fui deixar uma senhora atravessar na faixa de pedestres e quase levei um tiro de um animal que estava no carro atrás (...)*  
*Não há mais coqueiros, lanchas, poesia e boemia em Coqueiros. Há sim favelados, muito favelados, praias poluídas, tiroteios em bares e todo tipo de comércio em ruas estritamente residenciais (...)*  
*Coqueiros, sem coqueiros, pelado, pobre, sem educação, sem lei, sem verde, sem critério, sem praias, sem paz é o mais puro reflexo da decadência e da desordem florianopolitana (DIÁRIO CATARINENSE, 1996).*

Esses diferentes e contraditórios ilhéus sugerem que Cacau Menezes criou um campo de inclusão para os novos moradores de Florianópolis em termos de identificações. A modernidade, segundo Hall, coloca o indivíduo diante de situações deslizantes nas quais as identidades tornam-se fluidas porque são assumidas de acordo com a conveniência de um dado momento (HALL, 2005).

E como as contradições dos diferentes ilhéus parecem se operar dentro dessa dinâmica foi possível, que ora o ilhéu adquirisse a forma de alguém que vê sua casa sendo invadida, ora proporcionaria ao ilhéu ser designativo de algo positivo: ligado a uma comunidade imaginada (GUPTA; FERGUSON, 2000).

Seguindo essa interpretação é possível perceber que as contradições existentes não impedem a coexistência de diversas identificações do ilhéu como, por exemplo, a do ilhéu que sentia saudade de um passado idealizado, com a do ilhéu que surgia na televisão antenado com uma proposta de vida a ser desejada. É este ilhéu que foi transformado em mercadoria, um ilhéu que vendeu dicionários temáticos onde eram dadas definições para ele:

*O Ilhéu tem velocidade lusitana de flexão capaz de pronunciar cinquenta palavras longas por minuto; tem o som cantado português que sonoriza melodicamente com o vocábulo... O nativo Ilhéu ainda usa, em pleno curso, e com significado original, palavras lusitanas do século dezesseis, que podem, aos de fora, parecer estranhas e inusitadas: é inegavelmente, o purismo popular (ALEXANDRE, 1994).*

Os diferentes ilhéus de Cacau Menezes demonstram a escrita de um colunista que soube manipular através de suas identificações os diversos conflitos que aconteceram na cidade e com isso angariar leitores de todos os tipos como, por exemplo, aqueles que se identificavam com o ilhéu que percebia a chegada de novos moradores à cidade como uma invasão, ou aqueles que desejavam que Florianópolis se tornasse uma cidade na qual existissem casas noturnas como aquelas existentes em centros mais dinâmicos como, por exemplo, no Rio de Janeiro ou em São Paulo.

### **3. Referências Bibliográficas:**

ALEXANDRE, Fernando. *Dicionário da Ilha: Falar & Falares da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Cobra Coralina Edições, 1994.

ALVES, Márcia. *Entre a folia e a sacristia: as (re)significações e intervenções da elite clerical e civil na festa do divino em Florianópolis (1896-1925)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC: 1999.

BITENCOURT, Suzana. *Castelos de Areia. O turismo de litoral em Florianópolis (1930 – 1980)*. 1 v. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC, Florianópolis, 2005.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GUEDINI, Eduardo. *Metropolização e Impactos Sócio – Ambientais em Florianópolis (1986 – 1996)*. 1v. Dissertação (Mestrado) - UFSC, Florianópolis, 2000.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. *Mais além da "Cultura": Espaço, Identidade e Política da Diferença*.p. 30-49. In: ARANTES, Antonio A. (org). *O Espaço Da Diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o Papel do Estado*. 1v. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Florianópolis, 2000.

MARICATO, Ermínia. *Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras*. *São Paulo Perspec.* Oct./Dec. 2000, vol.14, no.4, p.21-33.

MENEZES, Manoel de. *Retalhos do Tempo*. Florianópolis: Edeme, 1977.

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF, Fernat. *Teorias da Etnicidade*; BARTH, Fredrick. *Grupos Étnicos e suas Fronteiras*. São Paulo: ed. UNESP, 1998.

SIMÕES, Aldírio. *Retratos à luz de Pomboca*. Florianópolis: IOESC, 1997.

**4. Fontes:**

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 11 set. 2005. p. 20.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 10 abr. 1998. Caderno Variedades.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 13 abr. 1998. Caderno Variedades.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 03 out. 1992. Caderno Variedades.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 01 abr. 1997. Caderno Variedades.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 11 set. 1996. Caderno Variedades.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2000*.

MENEZES, Cacao. *Depoimento*. Florianópolis, 15 nov. 2005.